

Um fim de semana com Chaplin

Quero saber o ano em que nasceu Chaplin, e acho mais fácil procurar em um dicionário enciclopédico brasileiro que tenho à mão. Chaplin não existe. Existe até um Chanzpy, general; existe um Charmot, jesuíta — e, para encurtar conversa, existem nessa página vários chatos — mas nenhum Chaplin.

Sérgio Figueiredo (23 anos, brasileiro) me declara entretanto que ele existe, e o viu precisamente na "suíte" 502 do Savoy Hotel, Londres. Conseguiu ser-lhe apresentado por Harry Crocker, seu secretário, e, ao apertar a mão de Carlitos, fez esta coisa simples: chorou. Mais tarde, ao voltar da Itália, Chaplin lhe contou que lá também dois admiradores choraram ao lhe serem apresentados — "mas você, Sérgio, teve a primazia".

Impressões pessoais: ele é mais baixo do que parece, tem os braços mais curtos do que Di Cavalcanti, é meio dentuço, cabelos brancos, braços sardentos. É um homem de trato delicado, mais do que delicado, carinhoso com as pessoas. Especialmente com sua mulher, Oona O'Neil, que acaba de lhe dar o quinto filho. "Oona é um encanto — explica ele a Sérgio depois de contar uma anedota. Esta história eu já contei na frente dela cerca de 200 vezes, e ela ainda sorri. Pois quando eu acabo de contar uma história pela 200.^a vez ela me pede para contar uma outra pelo 300.^a vez — porque sabe que isso me dá prazer".

Exercícios — Sérgio acrescenta que Chaplin, aos 64 anos, tem um corpo de rapaz — tem gestos e andar ágeis e faceis, de bailarino. "Fui passar um "week-end" com ele e mais nove pessoas em casa de um amigo seu, no Condado de Kent — estavam lá o cenarista Donald Stuart e uma jornalista americana, além de amigos pessoais de Chaplin. Acordei cedo, e quando descí vi uma sala completamente vazia, sem tapete, nem móveis, com apenas uma vitrola a um canto. Perguntei a uma empregada porque aquela sala estava assim, e ela me contou que Chaplin quando vai lá costuma acordar às 7 da manhã e passa mais de meia hora naquêle salão fazendo exercícios de ballet e mímica. Referi isso a Chaplin e ele me disse jovialmente: "é para cansar um pouco o corpo, que a idade ainda não cansou".

Pecador — "Ele parece se orgulhar muito de suas qualidades viris e — longe de Oona — me confidenciou que está em perfeita forma. Disse, entretanto que muitas vezes na vida foi acusado de aventuras amorosas que não teve. "A verdade é que eu me julgava um grande pecador — até que me casei com Paulette Goddard e descobri que era um santo..."

Oona — Elogiando a mulher, ele a certa altura disse que ela era tão... tão... (so... so...) — e afinal encontrou o adjetivo: genuína.

O sogro — Alguém disse a Sérgio que Chaplin não gostava muito do sogro, o famoso teatrologo Eugene O'Neil. Sérgio falou dêle, e Chaplin lhe fez vários elogios — mas não pôde deixar de dizer, a certa altura, que ele era... "too american".

Armstrong — Sérgio fala de Armstrong, com entusiasmo. Chaplin diz que gosta muito de "St Louis Blue" e "Georgia on my mind" — e as músicas dêsse tempo. E cantarola. Depois diz: "vários amigos consideram Armstrong um grande homem; se não entendo bem, deve ser questão de geração".

Limelight — Sobre "Limelight" ("Luzes da Ribalta") — "Ou eu não me conheço ou é o meu melhor filme. Você fala de "Luzes da Cidade"? Bem, é coisa diferente. "Limelight" tem algo de milagroso, de inexplicável, tem uma especial emoção. O filme é muito fiel a mim mesmo. Tênicamente não cuidei de encobrir as dificuldades de montagem, direção ou cenário... fiz uma coisa exposta. Entretanto, um ato absolutamente íntimo. Trabalhei muito imaginando o filme. Quando comecei a fazê-lo, fiquei em tal estado de excitação que não podia dormir. Não é verdade, Oona? Naquela altura em que dou uma bofetada na bailarina, meus nervos estavam tão tensos que pensei em arranjar um "stand-in" para me substituir. Foi Oona que disse que não, eu mesmo devia fazer a cena".

Claire Bloom — Sobre a estrêla de seu último filme, que é uma descoberta de Chaplin: "o "test" que ela fez em New York era bastante fraco. Entretanto eu a escolhi assim mesmo. Um ator não é apenas a interpretação que ele é capaz de dar a um papel; é também o que emerge dêle mesmo. Senti que muita coisa emergia de Claire Bloom — que ela tinha dentro de si alguma coisa a exprimir, e era capaz de fazê-lo".

Canção de roda — Frequentemente jovial e mesmo tagarela, Chaplin adora fazer mímica e imita outras pessoas — o "garçon" que está servindo a roda, por exemplo. Diz que a pantomima é sua segunda natureza. No Savoy Hotel, tendo vestido um terno novo, ficou diante do espelho de salão a fazer gestos de "dandy", dizendo — "estou lindo, não?" ("Im not pretty? Oh, Charlie, Charlie!") E gosta de cantarolar uma canção "cockney" que ficou muito popular em Londres durante a Primeira Grande Guerra, com sua musiquinha ingênua de canção de roda. "When the Moon shines brightly — On Charlie Chaplin — His boots are cracking — For they want of blacking — And his little baggy trousers — They need mending — Before they send him — To the Dardanelos".

Princesa Margaret — Depois da exibição de gala de "Limelight" a princesa Margaret veio cumprimentar o artista: "Muito obrigada pelo seu filme; ele me fez chorar muito e rir muito". Chaplin bateu de leve na mão de Margaret, em um gesto carinhoso, e disse: "Princesa, os sobrenomes não me apresentam a ninguém, mas a senhora é realmente encantadora".

Arte — Chaplin às vezes se entedia com discussões sobre filosofia e arte, e para não ser envolvido nelas alega uma ignorância total. "Não sei bem a diferença entre existencialismo e surrealismo, mas acredito basicamente em qualquer arte que seja instintiva. Cada artista tem seu modo peculiar de expressão. Eu, por mim, nunca hesitei, a não ser em detalhes".

Cinema — "O cinema a três dimensões? Qualquer melhoramento da forma deve ser acolhido de braços abertos. O perigo é que os diretores façam disso apenas um jôgo, um brinquedo, uma pirueta. Os outros diretores? Gosto de muitos, mas infelizmente trabalho de modo diferente. Creio que o que me admira bastante é De Sica... O artista do teatro deve se adaptar ao cinema. Deve pensar que no teatro o artista tem de ir até à platéia, no cinema o público é que vem até o artista. Claire Bloom insistiu muito em que eu fizesse o rei Lear no Old Vic, mas sempre tive medo de Shakespeare... A maior qualidade do ator é a economia de meios... Meus projetos? Fazer filmes até morrer. Estou pensando em uma sátira política... Compreendo e admiro o povo norte-americano, mas lá existem grupos reacionários poderosos que me detestam... Partidos políticos? Eu seria incapaz de pertencer a um".

Vinicius, Drummond. — Sérgio fala do Brasil, diz que seu amigo Vinicius de Moraes, poeta e homem de cinema, fez, com outros, um número de "Film" sobre Chaplin; que Vinicius morou muito tempo em Los Angeles. E Chaplin: "Por que ele não me procurou? Isso às vezes me faz infeliz: pensar que minha fama impede que gente que realmente me poderia interessar conhecer não me procure". Sérgio conta que um grande poeta do Brasil, Carlos Drummond de Andrade, fez um longo poema em louvor de Chaplin. E como sabe trechos de cór, traduz alguns versos. Chaplin diz estar comovido. Quando Sérgio cita um verso do fim — "Teus sapatos e teu bigode caminham numa estrada de pó e esperança" — Chaplin o interrompe com uma exclamação: "Dust and Hope! What wonderful expression!"

Filho, amor — Conta uma história de seu pequeno filho Michael que está estudando na Suíça. Uma menina disse que o amava, perguntou se ele também a amava. Resposta de Michael: "eu amo você mais do que você a mim; eu posso amar você muito mais do que você a mim". Comentário de Chaplin: "esta é uma vaidade bem chapliniana: a superioridade no amor".

GENTE DA CIDADE

Tereza Austregésilo



Essa que vereis apresentando o "show" de Antônio Maria, com Dorival Caymmi e Ângela Maria, no Casablanca, nasceu em setembro de 1932. O repórter que a entrevista não se lembra disso porque na ocasião estava na serra da Mantiqueira, como correspondente de guerra dos Associados na Revolução Paulista — mas Carlos Drummond de Andrade, que era vizinho do professor Antônio Austregésilo, acadêmico e neurologista, da rua Salvador Corrêa, hoje Princesa Isabel, tem uma noção de que a certa altura nasceu uma criança. Pai e mãe pernambucanos. Passou pelos colégios Regina Coeli, Sion e Bennet e tem professores particulares até hoje, teve aulas de ballet com o falecido Yuko Lindenberg e com Vaslav Veltchek ("de vez em quando ainda faço uma barrinha") de desenho com Santa Rosa ("mas eu não tinha jeito") muito francês e inglês, hoje estuda voz e dicção com Wanda Oiticica, foi debutante de "Sombra" em 1948 com Danuza Leão, Elvirita Amaral, e Mitzi Camargo Munhoz da Rocha, por exemplo; teve uma adolescência triste devido a má saúde e várias operações no nariz ("você não acredita, mas ele era muito pior; eu brigava com as meninas que me chamavam de nariz chato, eu jamais ficava de perfil, eu chorava quando me perguntavam se eu era filha de Joe Louis") nunca foi do esporte — "ando de bicicleta, quebro a perna; ando de patins, torço o pé; vou jogar petéca, tenho a mão furada".

Aos 17 anos correu a Europa, descobriu então o teatro e a pintura moderna. Meses atrás deu-lhe na telha se meter em teatro, telefonou para Silveira Sampaio que não conhecia, ele disse que não tinha lugar para ela, procurou-o pessoalmente, ele coçou a cabeça e a expediu para Pascoal Carlos Magno, Pascoal lhe deu um lugar de contra-regra no "Teatro do Estudante", depois uma "ponta" numa peça, Sampaio foi vêr, entregou-lhe o papel de Janina (moça moderna, ousada e frustrada) em "O cavaleiro sem camélias", foi aplaudida como autêntica revelação e a peça levou três meses no cartaz. A certa altura substituiu com felicidade a excelente Nancy Wanderley em um papel imenso no "show" do Monte Carlo.

"Mas eu sou muito ignorante em coisas de teatro, preciso aprender milhões, meu ideal era um dia estudar na Royal Academy of Art de Londres, mas tenho medo de não passar no "test", ficarei muito triste".

Sobre música: "sou antiquíssima, adoro óperas, sei de cór todo o "Mefistofeles" de Arrigo Boito e, digam o que disserem, sou fanática de Wagner. Sei que eu deveria dizer que Bach me apaixonou. Mas que posso fazer? Talvez mais tarde aprenda a ama-lo, mas só tenho 20 anos e sou meio burrinha, não é? O fato é que me encanto com Debussy, Ravel. Fóra disso, Stravinski, Moussorgski, Rimski-Korsakov, todos os russos.

A certa altura perguntamos pelo seu pai, quisemos saber sua idade. "Não posso dizer porque ele se zanga. Imagine que ele nunca escondeu a idade; só há dois anos, quando fez 76 anos, ele começou a esconder — e eu devo respeitar isso".

A POESIA É NECESSÁRIA

DISCURSO

EM LOUVOR DA AERO-MOÇA de Manuel Bandeira

Aero-moças, aero-moças,
Que pisais o chão
Com donaire novo,
Não pareceis baixas de céus atuais
Mas dos antigos,
Quando na Grécia os deuses ainda vinham se misturar
com os homens.

Pindaro gostaria de cantar o vosso quotidiano heroísmo, tão simples, a vossa graça, a vossa bondade. No entanto, nada mais moderno do que vós, ó sorrisos bonitos de chegada e partida nos aeroportos. Quem sem verdade e sem alma vos classificou aeroviárias
A vós, autênticas aeronautas, irmãs intrépidas dos aviadores?

Em nome dos sonhos frustrados de Glicia Zorovich, Em nome da vida frustrada de Glicia Reivindiquemos para vós a condição de tripulantes, Ó flôres da altura Insensíveis à vertigem e ao medo.

Santíssima Virgem Maria, mãe de Deus e advogada nossa,
Dai,
Dai um dia do vosso mês,

042 72



Cedei o último dia do vosso mês
Para que nêl cantemos, louvemos, festejemos, agradeçamos
O quotidiano heroísmo, a graça, a bondade das aero-moças.

Poeta Vinicius de Moraes, Sunset Boulevard 6.606,
Los Angeles,
Tu que celebraste com tanto amor as arquivistas,
Vem agora celebrar comigo a aero-moça.

Alegre, Recife, Belém do Pará,
Pedi todos, a Deus e aos homens,
Pela aero-moça.

Alô, alô, Aerovias Brasil, Linha Aérea Transcontinental Brasileira, Linhas Aéreas Paulistas, Lóide Aéreo Nacional, Nacional Transportes Aéreos, Puanair do Brasil, Real Sociedade Anônima de Transportes Aéreos, Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul, Varig, Vasp, Viabrás:

Poeta e futuro senador Augusto Frederico Schmidt,
Escrevei no "Correio da Manhã" sôbre a aero-moça
Mandai flôres da Gávea Pequena
Para a aero-moça.

NOTA — É êste certamente um poema sem qualquer importância na grande obra de Manuel Bandeira — mas o transcrevemos porque êle é pouco divulgado, e com a intenção de cooperar na campanha do poeta em pról da nobre classe que êle defende. O poema está em "Opus 10", edição limitada da extinta "Hipopampo".

Melhorai a condição da aero-moça!

Passageiros para São Paulo, Belo Horizonte, Pôrto